A presença de Camões no teatro: Espaços, repertórios, celebrações (séculos XX e XXI)

Sebastiana Fadda*

Apresentar uma proposta de leitura da fortuna camoniana nos palcos dos séculos XX e XXI é um empreendimento desafiante, se o quisermos aceitar com a dedicação que a estatura do poeta merece e exige, bem como dispondo do tempo que a tarefa reclama. Faltando as condições ideais, poder-se-ia levar a cabo um trabalho produtivo, viável e digno, para o qual não faltam pistas investigáveis. Poder-se-ia enveredar pela opção mais ágil de se analisar alguma produção entre os novos textos assinados por vários autores e inspirados na vida e obra de Camões, aprofundando as especificidades de cada um do ponto de vista dramatúrgico. Ou então verificar a presença do teatro camoniano nos palcos nacionais a partir, eventualmente, dos registos presentes na CETbase, o arquivo sobre o espectáculo em Portugal criado pela Professora Maria Helena Serôdio, e no Diretório de Camonística editado por José Carlos Canoa, doutorando da Universidade Nova de Lisboa. Ou, ainda, focar o interesse numa área temática delimitada, ou numa peça original e explorar linhas, estéticas e linguagens perseguidas em recriações dramatúrgicas e cénicas. Ou, parafraseando Pirandello, para cada um, seu roteiro.

---

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Centro de Estudos de Teatro. Comunicação integrada no ciclo Dias de Camões, Julho 2025, e apresentada a 11 de Julho de 2025 na Livraria Luz e Sombra (Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema), com dados actualizados. Trabalho realizado no âmbito do CEEC FCT 2018.

No que a esta comunicação diz respeito, ao avaliar as várias hipóteses tendo em conta a exequibilidade, achei oportuno, antes de mais nada, reunir elementos fundamentais para testar a dimensão do fenómeno, razão pela qual resolvi reconstruir uma cronologia, por certo incompleta, na qual emergissem justamente os vários elementos a considerar. Passo a explicar: ao mergulhar na pesquisa e inventariação de dados, segundo múltiplas variáveis e integrando a divulgação através dos meios e sistemas de comunicação inovadores do século XX (isto é, a rádio e a televisão), as dúvidas e possibilidades ditaram avanços e recuos, ponderando com regularidade as consequências de cada decisão até chegar à final. Resumindo, limitei o leque de opções destacando as linhas que me pareceram mais consistentes e seus eventuais resultados, ou seja:

I Uma lista diacrónica única e linear daria uma visão difusa, para não dizer confusa, acerca da génese ou tipologia de registos bem diferenciados, à custa da sua clareza e da consequente legibilidade dos resultados;
II Uma lista composta por várias secções identificáveis de acordo com a génese ou tipologia dos tais registos correria o risco de enveredar numa excessiva fragmentação, poderia pecar pela dispersão e minar a leitura do conjunto.
III Cruzar as duas possibilidades anteriores esperando que fossem mais eficazes de acordo com o objectivo que pretendia atingir.

Cheguei, enfim, à catalogação que segue, numa base cronológica articulada segundo alguns eixos que passo a apresentar:

A. Representação das peças originais e de espectáculos que contemplassem adaptações, reescritas ou excertos das peças originais: *Anfitriões*, *Filodemo* e *Auto d'El-Rei Seleuco* (anexo 1);

B. Espectáculos criados a partir do poema épico *Os Lusíadas*, incluindo excertos do mesmo ou tendo a epopeia e/ou o autor no horizonte temático (anexo 2);
C. Espectáculos que integram poesia lírica diversificada de Camões, em admissível articulação dramatúrgica com poemas de outros autores (anexo 3);
D. Espectáculos registados como tendo textos não identificados de Camões e demais autores (anexo 4);
E. Textos dramáticos redigidos por dramaturgos e escritores com carreira, em geral, consolidada (anexo 5).

Em termos contabilísticos, a produtividade dos agentes teatrais portugueses perfaz os números que seguem, tendo em conta que nalguns, mas poucos, casos poderá haver a duplicação de registos que integram duas categorias ou a identificação de eventuais reposições; quando representadas, as peças originais de novos autores encontram-se integradas nos anexos 1-3. Mesmo assim, temos:

A. Espectáculos baseados em peças originais	66 registos
B. Dramaturgias baseadas na poesia épica	66 registos
C. Dramaturgias baseadas na poesia lírica	22 registos
D. Espectáculos baseados em textos não identificados	23 registos
E. Peças originais de novos autores	20 registos

Encontrar-se-á nas comemorações da obra e do homem no terceiro quartel do século XIX – nomeadamente, os tricentenários d'*Os Lusíadas*, em 1872, e da morte de Camões, em 1880 –, e no revivalismo historicista ultra romântico finissecular, a razão de a visitação do teatro do poeta se arrastar aos albores do século XX. Foi, de facto, em Março de 1905 que o *Auto de El-Rei Seleuco*, numa «adaptação à cena moderna por Júlio Dantas», subiu ao palco do Teatro Nacional

D. Maria II, permanecendo ao longo de décadas no seu repertório. Em 1918, nesse mesmo espaço, renomeado Teatro Nacional Almeida Garrett após a instauração da I República, a Escola de Representar do Nacional apresentou um espectáculo de homenagem a Camões, dirigido por Lucília Simões e Carlos Santos, que incluía a récita de sonetos e excertos dos seus três *Autos* originais: *Anfitriões*, *Filodemo* e *Seleuco*.

Todavia, seria com a consolidação dos valores patrióticos exaltados pela direita nacionalista, e promovidos institucionalmente com a implementação do Estado Novo, que a obra de Camões nos palcos do país passaria a ser regular, representada por companhias profissionais, universitárias e amadoras. E se o cinema presta legítima homenagem ao poeta-aventureiro no filme *Camões* (1946), de José Leitão de Barros, os novos meios de comunicação de massa – a Emissora Nacional a partir de 1935 (renomeada Radiodifusão Portuguesa em 1976), e a Radiotelevisão Portuguesa desde 1957 – são utilizados pelo regime para a difusão capilar dos seus valores ideológicos, contribuindo para influenciar mentalidades, gostos e hábitos dos portugueses. Em abono da verdade, vale ressaltar que esses meios muito fizeram em prol do teatro, com programas de grande êxito e audiência.

Exemplo disso, no que ao teatro radiofónico diz respeito, desde os anos 50 até aos nossos dias, são as séries Ensaio Geral, Perfil dum Artista, Rádio Drama, Teatro das Comédias, Noite de Teatro, Tempo de Teatro, Teatro dos Nossos Dias, Mini-Teatro, Teatro Livre, Teatro Imaginário, Teatro Jovem e Teatro Sem Fios, que tornaram familiares e caros aos ouvintes os nomes de radialistas como Francisco Igrejas Caeiro, Álvaro Benamor e Eduardo Street, entre outros. Quanto ao teatro para o pequeno ecrã, desde os primórdios das programações surgem adaptações de peças, emitidas na série Teleteatro, seguida e

aguardada pelo público por ali reencontrar os maiores actores da altura, que via representar nos teatros convencionais[1].

O cinema, desde *Camões* de Leitão de Barros até aos nossos dias, passando por *Non ou a vã glória de mandar* (1990), de Manoel de Oliveira, que questiona o mito e exibe os reversos da epopeia, encarrega-se de convocar a vida e obra do poeta-soldado[2], ainda co-protagonista na curta-metragem *O velho do Restelo* (2014). Porventura, tais motivos beneficiam de atenção também em produções televisivas, como em *Aquela cativa que me tem cativo* (1995, famoso *incipit* do poema «Endechas a Bárbara escrava»), série com intérpretes de excepção em quatro episódios, cada um composto por duas partes, que ficcionam as várias etapas da biografia do poeta, desde a juventude em Coimbra, as aventuras pelo mundo fora, até ao regresso à pátria. Mais recentemente, a televisão pública festejou os 500 anos de Camões produzindo uma nova série, desta vez dedicada aos *Lusíadas* (2024), com os dez cantos declamados por dez actrizes, associados a espaços emblemáticos da modernidade e em contexto pós-colonial, no intuito de examinar os versos procurando «perceber que reverberação [...] terão nos dias de hoje»[3].

Justifica-se e fundamenta-se o papel de absoluto destaque desempenhado pelos meios audiovisuais na divulgação do

---

1 A presença camoniana, directa ou indirecta, nos meios audiovisuais encontra-se documentada nos anexos 1-4, cujos dados se baseiam na consulta do sítio <https://arquivos.rtp.pt/>.

2 Sobre Camões no cinema é profícua a consulta de arquivos digitais especializados como: <https://cinemaportuguesmemoriale.pt/>, criado por Jorge Leitão Ramos; <https://www.cinept.ubi.pt/>, portal da Universidade da Beira Interior; IMDb, acrónimo de Internet Movie Database.

3 <https://www.rtp.pt/play/palco/p14060/os-lusiadas>. A título de curiosidade, refira-se que, em matéria de imagens em movimento, há indícios da existência de um filme mudo, *Os Lusíadas*, projectado a 14 de Julho de 1906 no Salão Edison Varona, em Lisboa, e de que não há vestígio (v. <https://cvc.instituto-camoes.pt/cinema/cronologia/cro008.html>).

teatro camoniano ou inspirado no autor e nas suas obras, como atesta a recolha de dados reunidos nas listas em anexo e que enumera pelo menos duas dúzias de produções. Em boa verdade, foram realizados demais programas, em vários formatos, como, por exemplo, documentários evocativos de elementos biográficos e literários, declamações poéticas ou depoimentos de especialistas, a que o público interessado poderá aceder no portal RTP Arquivos, mas que excedem o âmbito da nossa pesquisa por, em geral e salvo eventuais excepções, faltar o elemento dramatúrgico ou a dramatização. A título de amostra vejam-se os documentários biográficos da RTP 2 *Nos passos de Camões* (1997, série Horizontes da Memória II, de e com José Hermano Saraiva) e *Quem és tu, Luís Vaz?* (2002, série Os Lugares da História, com entrevistas a Aníbal Pinto de Castro, Vitalina Leal de Matos, Vasco Graça Moura e outros), que têm o condão de manter viva a memória do poeta.

Passando para o teatro propriamente dito, enquanto espectáculo ao vivo e herança da cerimónia ritual que une palco e plateia, considerando a tipologia das entidades de produção, permanecendo em âmbito institucional fica patente de igual maneira o compromisso dos Teatros Nacionais em prestar um serviço público elegendo para a elaboração do seu repertório peças com base nas obras de, ou sobre, Camões, em produções próprias, co-produções ou acolhimento de estruturas convidadas. Em concreto, a programação do D. Maria II distingue-se em prevalência pela representação das peças originais, numa frequência congruente e compatível com a antiguidade da fundação. O São João define-se por uma adesão mais modesta, a que não será alheio o facto de o seu historial com a classificação de teatro do estado datar de 1992, numa diversificação do apoio à criação, tendo uma delas mobilizado escolas e respectivos alunos. O São Carlos, de acordo com a sua função precípua, tem acolhido a ópera *O canto da ocidental praia* (1975), com música e libreto de António Victorino de Almeida, e estreou em Junho último *Relicário perpétuo* (2026), com música de Luís Tinoco e libreto de Luísa Costa Gomes. A es-

tes títulos, embora apresentada no Museu Romântico do Porto, acrescente-se o regresso ao tema da vida e obra do poeta pelo maestro Victorino de Almeida, que compôs a música para a ópera bufa para marionetas *O Auto dos Zarolhos* (2025), com libreto e encenação por Mário João Alves, numa versão irónica e peculiar produzida pelo Teatro e Marionetas de Mandrágora.

Uma estimulante adesão à celebração da mundividência camoniana confirma-se em relação a representações promovidas pelo teatro universitário e escolar, assim como por entidades de produção particulares e associativas (v. anexos 1-3). Para fins elucidativos, vejam-se algumas das que foi possível rastrear. Em ambiente académico: o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra e o seu *Anfitriões* (1939), dirigido por Paulo Quintela; o Teatro Clássico da Universidade do Porto com o *Auto de Filodemo* (1948), numa criação de Abílio Alves; o Teatro Universitário de Lisboa (Centro Universitário de Lisboa, Teatro da Mocidade Portuguesa) um *Auto de El-Rei Seleuco* (1955), sob a direcção de Fernando Amado. No sector profissional: o Centro Cultural de Évora, com mais um *Auto de El-Rei Seleuco* (1980), impulsionado por aquele dinamizador de excepção que foi Mário Barradas; o Teatro Estúdio de Lisboa retomou a sua actividade após um biénio de interrupção com *O homem que se julgava Camões* (1981), encenado por Luzia Maria Martins, responsável pelo texto inerente, fruto de um quarto de século de estudo de profusas fontes documentais preparatórias[4]; o Teatro Maizum teve o seu *Camões – tanta guerra tanto engano* (1996), com dramaturgia e encenação de Silvina Pereira, gravado em vídeo por Paulo Rocha; o Teatro da Cornucópia recuperou um *Filodemo* (2004) a que Luís Miguel Cintra deu o tom certo, jocoso e lúdico.

Singularmente eloquente é a ressonância da presença camoniana nos teatros e meios audiovisuais em tempos de

4 V. programa em <https://raiz.museusemonumentos.pt/DetalhesObra/Index/183106?tipo=OBJ>.

efemérides, em especial nos que envolvem os 400 anos da edição dos *Lusíadas*, em 1972, os 400 da morte de Camões, em 1980, e os 500 do seu nascimento, em 2024-2025, cuja continuidade transborda até 2026. O exame dos anexos valida a adesão substantiva da parte de Instituições, comunidades artísticas e cívicas, operadores culturais e públicos diferenciados, em prestar o seu tributo à memória de tão incontestável génio poético e ousadia aventureira, nas letras e no mundo, reveladores do profundo entendimento do humano e das suas contradições.

Já foram mencionadas algumas das possíveis tipologias de espectáculos que constam do levantamento de dados, havendo casos com especificidades muito próprias, como no que toca a várias reinterpretações dos *Anfitriões*, seja no âmbito editorial, seja em palco.

No século XX, Augusto Abelaira redige e publica *Anfitrião outra vez* (1980)[5], uma «telecomédia» que não chegou a ser produzida para o pequeno ecrã a que se destinava. A peça segue muito por alto o enredo plautino-camoniano, actualizando-o e trazendo-o para um hipotético presente-futuro onde a tecnologia tem a função mediadora nas relações humanas/amorosas. À época, Carlos Porto comentou «não se(r) abusivo considerá-la como de ficção-científica», nela identificando «uma crítica não isenta de ironia aos riscos da estereotipia e de incomunicabilidade provocados pelos meios de comunicação social» (1981: 46). E de facto, não faltam apontamentos publicitários a produtos de consumo, nem a denúncia da fuga dos golfinhos do Tejo devido à poluição, resultantes da priorização dos valores economicistas nas sociedades liberais. Uma década mais tarde é a vez de Norberto Ávila retomar o mito e escrever

5 Em 1980, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, que promoveu um concurso para 12 peças no intuito de estimular a produção de novos textos, a Moraes Editores publicou os títulos seleccionados pela SEC, dois dos quais – o citado de Augusto Abelaira e outro de Jaime Salazar Sampaio – contêm matéria camoniana.

para o Teatro de Portalegre *Uma nuvem sobre a cama* (1990), «comédia erótica em duas partes» estreada no ano seguinte no Convento de São Francisco com encenação de Vítor Pires e cenografia de Mário Alberto. O autor açoriano volve a Tebas como lugar da acção e aposta no tom burlesco entremeando nos diálogos léxico corrente, alusões picantes e referências literárias, procurando estabelecer uma cumplicidade com o espectador cativando-o com leveza e humor. Estes e demais elementos têm sido examinados sob um olhar contrastivo pela classicista Maria Isabel Rebelo Gonçalves (1993), que demonstra a inequívoca ascendência do modelo plautino no texto de Norberto Ávila.

Contudo, leituras atípicas desse *Auto* camoniano foram levadas à cena já neste século XXI: uma versão com actores e bailarinos pela Companhia de Paulo Ribeiro, com encenação de Cláudio Hochmann (*Anfitriões*, 2005); uma proposta da Escola Profissional de Artes e Ofício do Espectáculo do Chapitô, que introduz técnicas da arte circense, dirigida por Ana Tamen (*Chapitriões*, 2005); uma visão contemporânea, desafiadora do cânone, esfuziante e declinada no feminino, de autoria de Inês Vaz e Pedro Baptista, produzida e prontamente editada pelo Teatro Nacional D. Maria II (*Auto das Anfitriãs*, 2025). E se, ao todo, pelo menos uma dezena de *Anfitriões* subiram à cena na baliza periodológica que nos interessa, tal como a última que acaba de ser recordada, mais duas montagens são apresentadas em 2025 – pelos Trupêgos de Porto de Mós, numa encenação de António Almeida, e pela Filandorra de Vila Real, que teve em Filipe Crawford o seu encenador convidado –, enquanto em 2026 é a vez dos *Enfatriões* do Maizum, que já animou sessões com leituras encenadas das peças de Camões, sempre sob a direcção de Silvina Pereira.

Entre os demais casos a realçar, contam-se as criações acopladas, que se distinguem por apresentar num único dia duas produções levadas à cena pela mesma entidade, e pelas mais diversas razões. Haverá então registos enquadráveis na necessidade de reforçar o sentido identitário nacional sob o

Estado Novo, recuperando o património dramático português, função, esta, cumprida pelo D. Maria II ao representar nas suas matinés clássicas os espectáculos *Filodemo* seguido de *Os anfitriões* (1941, reposto em 1949) e *Filodemo* seguido do *Auto de El-Rei Seleuco* (1945)[6], havendo inclusive um *Auto chamado dos Anfitriões* (1972), *a solo* no título, em que constaria o acrescento de textos vários do autor. E em concomitância com a efeméride a coincidir com os 300 anos da edição d'*Os Lusíadas*, a ocorrência repete-se fora do teatro do estado, com o Teatro Experimental de Cascais (TEC), que leva à cena num único dia o *Auto de El-Rei Seleuco* e *Anfitriões* (1972), e com a Sociedade de Instrução Tavaredense, que homenageia o autor com uma evocação em duas partes, a primeira com base no poema épico, seguida pela montagem do *Auto de El-Rei Seleuco* (1972).

E há casos de revisitações distanciadas no tempo, inauguradas em espaços distintos, de que são amostra os espectáculos de Carlos Avilez pelo TEC com os seus dois *Seleucos* (1972 e 2017), tal feito repetindo-se com Joaquim Benite e o Teatro de Campolide/Companhia de Teatro de Almada quanto a *Que farei com este livro?* (1980 e 2017), de José Saramago, havendo alterações e acertos nos elencos e colaboradores das equipas técnico-artísticas.

Apesar de forçar os critérios aplicados nas observações acima, abra-se um breve parêntesis para se assinalar um emparelhamento faseado, planeado pela direcção artística do Teatro Nacional D. Maria II em ocasião destas últimas comemorações. De facto, ao *Auto das Anfitriãs* de 2025 segue-se *Filodemo* em 2026, numa encenação de Pedro Penim, autor duma versão consentânea com a sua visão progressista, devotada às causas da cultura e da cidadania para, através delas, promover a

6 Recordemos que o filme de Leitão de Barros data de 1946, pelo que é provável que nesse período, e até posteriormente, tenha havido ulteriores reposições do repertório camoniano no TNDM II.

evolução de mentalidades não discriminatórias ou penalizadoras a pretexto de condição, nacionalidade, crença, género ou o que quer que seja.

Se formos considerar um aspecto como o dos destinatários, vale a pena recordar espectáculos direccionados para o público infanto-juvenil e realizados através de dramaturgias específicas, figurando entre eles: *Camões tão perto tão longe* (1980), de Maria Rosa Colaço, encenada por Joaquim Benite e José Martins pela Companhia de Teatro de Almada; *Adamastor* (1998), a partir de *Aquilo que os olhos veem ou O Adamastor*, de Manuel António Pina, numa encenação de João Luiz pelo Pé de Vento; *Camões, príncipe dos poetas* (2005), na base de um texto de Carlos Manuel Rodrigues, encenado por Victor Linhares pelo Teatro Infantil de Lisboa; *Lusi@das* (2011), pelos Valdevinos Teatro de Marionetas (o primeiro espectáculo do género terá sido o da Lanterna Mágica, *As aventuras de Trinca-Fortes em dia de Corpus-Christi* (1987-1988), com texto de Manuela de Azevedo); *Camoinz Hépyco-Lyrico* (2015), uma criação para alunos do secundário ideada pela entidade Nós Mesmos Invenções Teatrais, de Simão Rubim e João Marta; *Pirata Camões* (2016), de e com Nuno Meireles; *Viagem Camões* (2024), de e com Pedro Beirão e Clara Fonseca Borges pela Era Uma Voz. Nem faltou o teatro ao ar livre para um público generalista, de que são ilustrativos dois espectáculos criados *ad hoc* para a Expo '98, evento cuja magnitude o coloca entre os mais memoráveis do século XX português e onde, num módulo flutuante dos espaços reabilitados do Parque das Nações, foi apresentado *Desejos*, encenado por Maria Emília Correia, e no palco móvel exibiu-se *Deuses geniais – Histórias de A mar*, do Teatro da Garagem, coordenado por Carlos Jorge Pessoa. Cerca de uma década depois, a Companhia do Teatro do Algarve estreia *Canto nono* (2009), experiência de teatro de rua que percorre diversas localidades.

Em especial em tempos celebrativos, mas não apenas neles, assiste-se ao fenómeno de produção original de escrita e/ou manifestações artísticas induzidas ou a eles associados, e

o teatro não constitui excepção, contribuindo para o enriquecimento do repertório nacional. No caso específico de Camões, já foram assinalados os nomes de José Saramago, Maria Rosa Colaço, Augusto Abelaira, Luzia Maria Martins e Manuel António Pina, mas importa adicionar, entre outros, os de Natália Correia, Jaime Gralheiro, Hélder Costa e Laureano Carreira, que ofereceram as suas versões ficcionadas de um mito poliédrico que persiste e se transfigura ao longo dos séculos.

Entre as peças originais marcadas pelo virtuosismo oratório, argumentativo e linguístico, burilado em tons coesos e persuasivos, sem desmerecer os demais contributos, sobressaem *Que farei com este livro?*, de Saramago, e *Erros meus, má fortuna, amor ardente*, de Natália Correia.

Que farei com este livro? detém-se sobre as peripécias e humilhações infligidas ao poeta quando, ao regressar a Lisboa vindo da Índia, sem riquezas a não ser o seu poema épico, procura protecção na corte para editar *Os Lusíadas*. Como tem habituado os leitores dos seus romances, e coerente com o seu empenhamento cívico e ideológico, Saramago amplia o discurso ficcional, extravasa a perspectiva episódica do caso finito e imobilizado no passado para o tornar paradigmático, ilustrativo das relações entre cultura e poder, liberdade e censura, privilegiando a observação da dimensão dialéctica da história, estabelecendo a relação entre o país do século XVI e o do século XX. A perplexidade contida no título transborda o tempo e a situação particular do enredo para atingir «o estatuto de parábola» (Zurbach 2013: 258). Da mesma forma, a questionação de características distintivas duma suposta portugalidade heróica aflora inequívoca e actual na denúncia de que Damião de Góis é feito porta-voz: «Falta a Portugal espírito livre, sobeja espírito derrubado. Falta a Portugal alegria, sobejam lágrimas. Falta a Portugal tolerância, sobeja prepotência» (Saramago 2015: 107). Muito mais acrescentaria o único Prémio Nobel de Literatura português, se continuasse entre nós.

Erros meus, má fortuna, amor ardente glosa o soneto a cujo *incipit* pede emprestado o título e materializa-se na

sequência de uma encomenda do Teatro Nacional D. Maria II à autora para comemorar o quarto centenário da morte do sumo poeta, porém os ensaios em curso foram suspensos por desígnio da Secretaria de Estado da Cultura, chefiada por Vasco Pulido Valente[7], cujos critérios, segundo a autora, «deslustram quem os assumiu» (Correia 1981: [10]). Não obstante o cancelamento, a peça acaba por sair em livro numa bela edição ilustrada por artistas plásticos de carreira firmada (1981)[8] e é estreada alguns anos mais tarde (1988) na Sala Polivalente da Fundação Gulbenkian, encenada por Carlos Avilez. Natália Correia desenvolve os tópicos anunciados no título neles enxertando poemas e teatro camoniano, mantendo-se fiel à predilecção pelo barroquismo verbal, áulico e solene ou trivial e popular, consoante o contexto, que tão bem ressalta na sua obra. Em virtude de tais atributos, de tiradas líricas excessivas e de indicações cénicas para a «criação de cor local», Maria João Brilhante filia com justeza a peça no género do drama romântico histórico, apontando limitações que espartilham a «criação de uma situação dramática, porque o lírico se sobrepõe ao dramático» (Brilhante 1983: 82). Incrustando versos retirados da poesia épica e lírica do homenageado, bem como cenas do *Filodemo*, ignorando as unidades aristotélicas e convocando um vasto elenco que encarna personalidades da altura e figurantes anónimos, em vista da «exaltação de uma obra, de uma época e de uma nação, *Erros meus, má fortuna, amor ardente* assenta num dilema: o de projetar a representação

7 <https://www.rtp.pt/programa/tv/p42251/e10>.

8 O livro, publicado pela Afrodite, inclui ilustrações a cores de Ângelo de Sousa, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Francisco Relógio, Júlio Resende e Lima de Freitas (excluídas na 2.ª edição de O Jornal, 1991, 2.ª ed.). Recentemente a Imprensa Nacional-Casa da Moeda reuniu o teatro da autora no livro *Obra dramática completa de Natália Correia* (2023), com coordenação, introdução e notas de Armando Nascimento Rosa, garantindo a reinserção no mercado de peças inéditas e já publicadas, como é o caso desta.

sem no entanto a possibilitar. É, contudo, destino comum a alguns notáveis textos dramáticos.» (*ibid.*: 83), destaca a recensão. De facto, o espectáculo foi realizado, desafiando os constrangimentos para enaltecer os intuitos que presidiram à redacção da peça[9] e coroando o compromisso da dramaturga.

Jaime Salazar Sampaio, na sua extensa obra, evidencia uma esporádica remissão para universos literários estranhos à sua própria visão do mundo, havendo outrossim, e com frequência, a intertextualidade entre o dramaturgo e o poeta que também foi, a transumância de elementos de uma peça para outra, a alusão pontual a demais autores[10]. Para ele um título estaria para o texto como o chapéu para a cabeça: devia ser um pouco maior, assentando de tal modo que nele coubesse o indício revelador do sentido crucial que desejava transmitir, suprindo eventuais falhas. Julgo que esse estaria como o perfume à flor: embora a flor não tivesse imediata visibilidade, o perfume levaria até à sua presença prévia. Assim, *O desconcerto*, peça escrita, publicada e representada numa encenação de Rogério de Carvalho em 1980 (a crítica considerou tratar-se do melhor espectáculo do ano) quando decorria o terceiro centenário da morte do poeta, talvez já sugerisse um vínculo com a «Esparsa ao desconcerto do mundo», confirmado em

---

9 Os breves fragmentos oriundos da articulada recensão de M. J. Brilhante não fazem justiça às muitas observações presentes no artigo completo, a ele remetendo-se a consulta. Tb. é proveitoso ver o espectáculo de 1988, gravado em vídeo e acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=00NAbveCpNU>.

10 Nesse sentido, *Fernando (talvez) Pessoa* (1981), cuja armação se sustenta em abundantes citações para propor um possível retrato do autor da *Mensagem*. Em contrapartida, *Um homem dividido* (1995) é o caso mais paradigmático de obra em que a (auto)referência submersa é estrutural, abrigando ademais uma homenagem a Samuel Beckett (de quem J. S. Sampaio traduziu *Dias felizes*, em1968), através da presença de dois vagabundos, um dos quais insiste na ordem «Samuel, calça as botas» (Sampaio 1997: 399-400), remetendo para a consagrada peça *En attendant Godot* (1953).

especial no epilogo. Em cena, Helena, supostamente grávida, aguarda o regresso do seu Alexandre, que partiu para mudar o mundo; surgem, de vez, um groom, um soldado e um mendigo que trazem notícias dele; o terceiro recita trechos de vários «desconcertos» camonianos, antes de desaparecer agasalhado com a mantinha de bebé tricotada e oferecida pela mulher. Afinal, os visitantes talvez incorporem o próprio protagonista, uno e trino, nele(s) ostentando-se as progressivas marcas da erosão do idealismo, infligidas pela experiência, à custa do sacrifício das mulheres, já antes de parirem supostos guerreiros, pobres Cristos e revolucionários. À boa maneira do autor, multiplicam-se os enigmas disseminados no texto, mas a leitura perspicaz de Carlos Porto desvenda-os, um após outro, até revelar a parábola neles inscrita: «Vejo Alexandre como o Poeta que atravessa os tempos e o Mundo lutando contra as forças do Mal (...) com os olhos abertos para o mundo e não para o sonho» (1980: 18). Terá razão o crítico ao prever que a derrota aguarda toda luta solitária, sem sustento ideológico, partidário e solidário, ou quiçá o autor, ao reconhecer no Desconcerto as razões da sua iniludível perplexidade.

E deve-se a Carlos Avilez e ao Teatro Experimental de Cascais a estreia da peça de Jaime Gralheiro *...Onde Vaz, Luís?* (1980, publicada e levada à cena em 1981). Acerca dela Carlos Porto afirma que o dramaturgo «traça o guião de um espectáculo musical em que a vida do poeta surge, a (s)eu ver, excessivamente romantizada, retrato que procura o constante relacionamento do tempo de Camões com o nosso» (1982: 13). Tal como Saramago, Jaime Gralheiro resgata criticamente mito e história confrontando as aspirações do passado com as derivas do presente, pressentidas em embrião e concretizadas. Em consonância com a militância interventiva e didáctica do dramaturgo, no texto desfilam personalidades literárias, políticas e religiosas. Em conjugação produtiva emerge o uso da citação, *ipsis verbis* ou adaptada, da referência ou da alusão, que se manifesta, por exemplo, nas falas e poemas de Camões, até quando irrompe a apropriação da «Autopsicografia» pessoana,

sabendo-se que as mentiras não são apanágio exclusivo dos poetas[11]. Ideia, esta, validada por uma trupe de cómicos que assume o papel de narrador, comentador ou cantor popular, gerando momentos paródicos e efeitos de distanciação brechtiana, ao passo que a perpetração de autos-de-fé introduz a memória da ignomínia, do abuso de poder e da cegueira de quem julga ser dono da verdade. Com as palavras finais de Camões – «Da miséria em que morro há-de florir um cravo» (1983: 156) – Jaime Gralheiro ergue uma ponte temporal repondo alguma esperança e justiça na história dos vencidos.

Novas aventuras aguardam o poeta nos palcos do país e em 1982 a Comuna – Teatro de Pesquisa apresenta *A viagem: Camões, poeta prático*, de autoria de Hélder Costa, numa versão cénica encenada por João Mota. A obra, considerada por Carlos Porto «mais roteiro do que peça, menos texto do que pretexto», recebe o apreço pelo «belo e premiado» (1983: 12) resultado em palco, saudado ainda por Luiz Francisco Rebello como «um dos mais belos espectáculos da 'Comuna' em 1982» (1984: 66). Empregando um dos recursos adoptados com assiduidade – a mencionada citação, mas também o teatro no teatro –, Hélder Costa coloca o público perante a representação de uma adaptação de um breve excerto que encerra o *Auto d'El-Rei Seleuco*, para em seguida expor o poeta às presas com o seu destino, moldado pelos amores, adversidades e tribulações, estando a peste e a Inquisição a assolarem a nação. Os Descobrimentos representam o feito maior de um

11 Sobre o assunto e o gosto pela intertextualidade que atravessa a obra, v. o aturado estudo de Flavia Maria Corradin *O teatro da história em Jaime Gralheiro: Futuro de que passado?* (2013, tese de livre docência apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; ed. 2016). Na especificidade, sobre *...Onde Vaz, Luís?*, Anna Kalewska propõe uma abordagem estruturalista, realçando a emergência de todo um «mosaico de referências a textos quinhentistas para o deciframento e a caracterização das ocorrências intertextuais presentes» (2019: 186).

período áureo para Portugal, nas letras e nas ciências, tendo como reverso as utopias e ambições de glória de quem não quer apenas abrir «(n)ovos mundos ao mundo» (Camões 1972 II.45: 40) ou expandir e defender a fé católica (com o fervor abnegado de um D. Sebastião), mas enriquecer pela pilhagem, a exploração e a escravatura. A censura de uma certa história oficial mostra-se inscrita já no título, por ser uma variante alusiva ao polémico *Soldado prático*, obra do cronista coevo Diogo do Couto, narrador vigilante e objectivo do estado de indignidade da governação portuguesa nas Índias.

A vontade, e necessidade, de retratar as realidades poliédricas duma época e de seus mitos, justificam o regresso ao assunto por parte de Hélder Costa, convicto de que: «A História não se pode corrigir, mas eu só posso gostar do meu país (ou de qualquer outro) se conhecer os lados positivos e os condenáveis.»[12]. O espectáculo, *Amor é um fogo que arde sem se ver* (2024), criado com Maria do Céu Guerra pela Barraca, poderá configurar um ajuste de contas com o tempo ingrato em que o poeta viveu, humilhado e censurado. Na sequência desta criação, e com dramaturgia de Céu Guerra, mais uma incursão no universo poético de Camões dá-se com *Deitemos água pouca em muito fogo* (2026), recital de poesia com música e interpretação do maestro Victorino de Almeida, colaborador frequente da companhia.

Os títulos listados nos anexos, exibem com eloquência a atenção que a vida e obra de Camões têm merecido, numa multiplicidade de enfoques e autorizando perspectivas analíticas heterogéneas. Na maioria deles a inteligibilidade das fontes subjacentes é explícita, enquanto nos remanescentes poderá haver indícios oblíquos, enigmáticos, e até a ocultação de qualquer vislumbre directo quando não revelado pelos autores/criadores ou pelos seus textos/espectáculos. E no entanto, um dos muitos rostos do poeta, todos eles virtuais e subjectivos, lá estará,

12 <https://abarracateatro.com/a-barraca-20/amor-e-um-fogo>.

permanecendo ainda no futuro, na mimese ou metamorfose que a imaginação procura na figuração de personalidades modelares, para além dos tempos.

Bibliografia

ABELAIRA, Augusto (1980). *Anfitrião outra vez.* Lisboa: Moraes Editores. Pistas Palco. Com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

ÁVILA, Norberto (1997). *Uma nuvem sobre a cama*. Lisboa: Edições Colibri.

BARATA, José Oliveira (2009). *Máscaras da utopia: História do teatro universitário, 1938-74*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BRILHANTE, Maria João (1983). [Recensão crítica a *Erros meus, má fortuna, amor ardente*). *Colóquio Letras n.º 73*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Maio. 82-83.

CAMÕES, Luís de (1972). *Os Lusíadas*. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

CARREIRA, Laureano (1995). *Os Lusíadas*. Lisboa & Dammarie-les-Lys: Catedral-Produções Culturais & Éditions ACAP 77.

CORRADIN, Flavia Maria (2016). *O teatro da história em Jaime Gralheiro: Futuro de que passado?* Saarbrücken: Novas Edições Académicas.

CORREIA, Natália (1981). *Erros meus, má fortuna, amor ardente*. Ilustrações de Ângelo de Sousa, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Francisco Relógio, Júlio Resende e Lima de Freitas. Lisboa: Edições Afrodite.

COSTA, Hélder (1982). *A viagem: Camões, o poeta prático.* Coimbra: Centelha.

GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo (1993). «*Uma nuvem sobre a cama.* Um novo *Anfitrião* português». *Humanitas n.º 45*. Vol. XLV. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 335-345.

GRALHEIRO, Jaime (1983). *...Onde Vaz, Luiz?* Lisboa: Vega.

KALEWSKA, Anna (2019). «A intertextualidade camoniana em *...Onde Vaz, Luís?* (1983) de Jaime Gralheiro ou Luís Vaz de Camões revisitado no teatro português contemporâneo». *Studia Iberystyczne 18.* Kraków: Zakład Filologii Hiszpańskiej, Instytut Filologii Romańskiej, Wydział Filologiczny, Uniwersytet Jagielloński. 183--200 <https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.13>

PORTO, Carlos (1980). «Pequeno teatro». *Diário de Lisboa*. 20 de Outubro. 18.

—— (1981). «O texto teatral». *Colóquio Letras n.º 60*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Março. 46-51.

—— (1982). «O texto teatral». *Colóquio Letras n.º 66*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Março. 13-15.

—— (1983). «O texto teatral». *Colóquio Letras n.º 72*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Março. 12-14.

RAMOS, Jorge Leitão (1994). «O reportório e o audiovisual». *Vértice*. II série, n. 62. Lisboa: Editorial Caminho. Setembro-Outubro. 8-14.

REBELLO, Luiz Francisco Rebello (1984). *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora. Tb. acessível em linha em <https://www.dramaonline.pt/pt/bibliografia-passiva/l-f-rebello-100-anos>.

SAMPAIO, Jaime Salazar (1980). *O desconcerto*. Lisboa: Moraes Editores. Pistas Palco. Com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

—— (1997). *Teatro completo*. 2 vols. Introdução de S. Fadda. Tábua cronológica das peças e sua divulgação por S. Fadda e J. S. Sampaio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Biblioteca de Autores Portugueses. Vol. II.

SARAMAGO, José (2015 [1980]). *Que farei com este livro?* Prefácio de Luiz Francisco Rebello. Porto: Porto Editora.

SOUSA, Isolino Alves de (2019). *Televisão e ficção televisiva em Portugal (1974-1992): Do advento da democracia à liberalização da atividade televisiva*. Tese de doutoramento em Artes dos Media. Porto: Universidade Lusófona do Porto.

ZURBACH, Christine (2013). «Da Literatura, dos escritos e dos seus livros. Recensão da obra de José Saramago *Que farei com este livro?*». *Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonia n.º 7*. Universidad de Extremadura. 256-260.

Sitiografia

<https://arquivos.azores.gov.pt/>
<https://arquivos.rtp.pt/>
<https://cetbase.pt>
<https://cinemaportuguesmemoriale.pt/>
<https://www.cinept.ubi.pt/>
<https://cvc.instituto-camoes.pt/>
<https://www.dramaonline.pt/>
<https://www.imdb.com/>
<https://www.luisdecamoes.pt/>
<https://www.rtp.pt/play/palco/>
<https://www.youtube.com/>



Imagem da Escadaria da Avenue Camoens em Paris, em 1912, com estátua em bronze de Luigi Betti, publicada no livro de Enrico Barni *Luigi Betti scultore* (Chiusi: Edizioni Luì per Banca Valdichiana, 2011).



Que farei com este livro?, de José Saramago, enc. Joaquim Benite, Companhia de Teatro de Almada, 1980 (António Assunção e Canto e Castro) © Arquivo CTA.



Que farei com este livro?, de José Saramago, enc. Joaquim Benite, Companhia de Teatro de Almada, 1980 (Canto e Castro, António Assunção e Carlos Santos) © Arquivo CTA.



Que farei com este livro?, de José Saramago, enc. Joaquim Benite, Companhia de Teatro de Almada, 1980 (Henriqueta Saraiva e Canto e Castro) © Arquivo CTA.



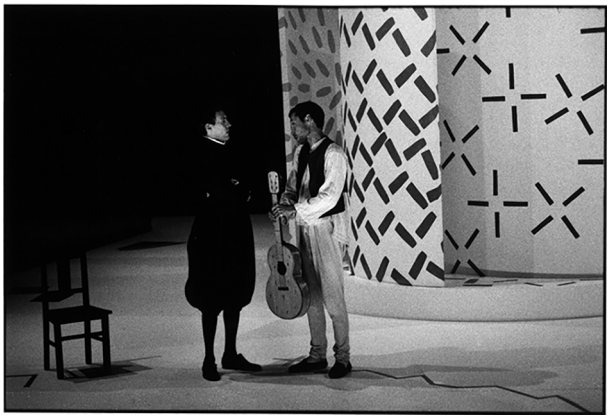
Enfatriões, de Luís de Camões, enc. Silvina Pereira, Teatro Maizum, 2026 (Jan Gomes e Pedro Saavedra) © Mariana Lupi Costa.



Enfatriões, de Luís de Camões, enc. Silvina Pereira, Teatro Maizum, 2026 (Eduardo Frazão, Jan Gomes e Susana Sá) © Mariana Lupi Costa.



Enfatriões, de Luís de Camões, enc. Silvina Pereira, Teatro Maizum, 2026 (Jan Gomes, Susana Sá e Paulo Matos) © Mariana Lupi Costa.



Filodemo, de Luís de Camões, enc. Luís Miguel Cintra, Teatro da Cornucópia, 2004 (Ricardo Aibéo e Pedro Lacerda) © Paulo Cintra Gomes. Biblioteca da FLUL, Fundo Teatro da Cornucópia.



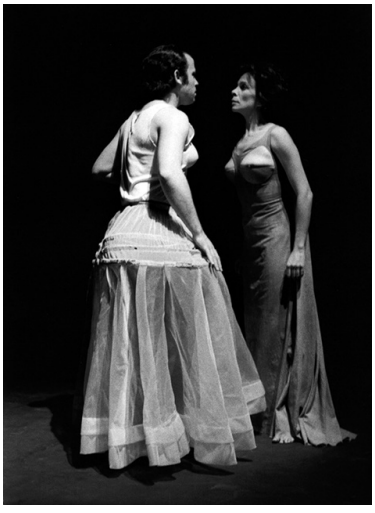
Filodemo, de Luís de Camões, enc. Luís Miguel Cintra, Teatro da Cornucópia, 2004 (Sofia Marques e Marina Albuquerque) © Paulo Cintra Gomes. Biblioteca da FLUL, Fundo Teatro da Cornucópia.



Filodemo, de Luís de Camões, enc. Luís Miguel Cintra, Teatro da Cornucópia, 2004 (Luís Miguel Cintra e João Lizardo) © Paulo Cintra Gomes. Biblioteca da FLUL, Fundo Teatro da Cornucópia.



Filodemo, de Luís de Camões, enc. Luís Miguel Cintra, Teatro da Cornucópia, 2004 (Cláudia Jardim, João Lizardo, Sofia Marques e Ricardo Aibéo) © Paulo Cintra Gomes. Biblioteca da FLUL, Fundo Teatro da Cornucópia.



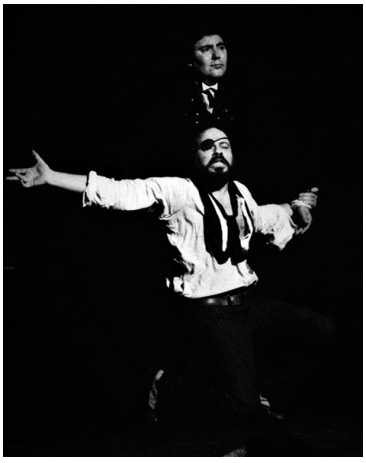
Auto d'El-Rei Seleuco, de Luís de Camões, enc. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1972 (António Marques e João Vasco) © J. Marques.



Auto d'El-Rei Seleuco, de Luís de Camões, enc. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1972 (António Marques e Graça Lobo) © J. Marques.



Onde Vaz, Luís?, de Jaime Gralheiro, enc. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1981 (Luísa Salgueiro e Fernando Corte-Real) © (?) Arquivo TEC.



Onde Vaz, Luís?, de Jaime Gralheiro, enc. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1981 (João Vasco e António Marques) © Ney Robson.

Anexos

1. Produções/peças originais: integrais | excertos | adaptações

24/03/1905 | *Auto de El-Rei Seleuco.* Teatro Nacional D. Maria II: Sociedade Artística. «Adaptação à cena moderna de Júlio Dantas», posteriormente integrada no repertório do Nacional.

11/06/1918 | *Homenagem a Camões.* Teatro Nacional Almeida Garrett: Escola de Representar do Teatro Nacional, direcção de Lucília Simões e Carlos Santos. Inclui sonetos e excertos retirados de *Anfitriões*, *Filodemo*, *El-Rei Seleuco*.

20/05/1932 | *Filodemo*. Teatro Nacional Almeida Garrett: Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, encenação de António Pinheiro; espectáculo impulsionado por António Lopes Vieira. Reposição em 1935, 1940, 1941 e 1945.

20/05/1935 | *Filodemo*. Teatro Nacional Almeida Garrett: Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, encenação de António Pinheiro; espectáculo impulsionado por António Lopes Vieira; reposição.

29/04/1939 | *Os Anfitriões*. Teatro Rivoli, Porto: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, encenação de Paulo Quintela; espectáculo apresentado em Sarau de homenagem à cidade do Porto, promovido pelo Clube Fenianos Portuenses.

20/03/1941 | *Filodemo + Os Anfitriões.* Teatro Nacional D. Maria II: Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Matiné clássica. Reposição em 1949.

25/03/1944 | *Auto de El-Rei Seleuco.* Teatro Nacional D. Maria II: Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, adaptado à cena moderna por Júlio Dantas.

08/03/1945 | *Filodemo + Auto de El-Rei Seleuco.* Teatro Nacional D. Maria II: Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro; «récita clássica do ciclo cultural instituída pelo decreto n.º 30101».

13/12/1948 | *Auto de Filodemo*. Teatro Rivoli, Porto: Teatro Clássico da Universidade do Porto, encenação de Abílio Alves; reposição em sarau a 08/01/1949.

12/06/1950 | *El-Rei Seleuco.* Teatro Aveirense: Alunos do Liceu.

12/12/1953 | *Récita comemorativa do quinto aniversário do Teatro Clássico da Universidade do Porto.* Faculdade de Medicina, Porto: TCUP, o espectáculo inclui excertos de várias peças: «Elogio de Lisboa» (*El burlador de Sevilla*, Tirso de Molina), *Auto chamado de Filodemo, O fidalgo aprendiz* (D. Francisco Manuel de Melo), com encenação de José Castro Correia; mais *Noite de Reis* (William Shakespeare), encenados por Correia Alves. (v. Barata 2009: 355)

10/06/1954 | *Auto de El-Rei Seleuco.* Teatro Nacional D. Maria II: Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, adaptado à cena moderna por Júlio Dantas; reposição.

20/05/1955 | *Auto de El-Rei Seleuco.* Teatro Avenida, Lisboa: Teatro Universitário de Lisboa (Centro Universitário de Lisboa, Teatro da Mocidade Portuguesa), direcção de Fernando Amado, com Herlander Peyroteo (Seleuco) e Carlos Avilez; o espectáculo inclui a representação de *O iconoclasta ou O pretendente imaginário*, de F. Amado.

20/06/1955 | *Auto de El-Rei Seleuco*. Teatro Micaelense, Ilha de São Miguel: Serão Dramático e Musical promovido pela Academia Musical Micaelense, adaptação de Júlio Dantas, com Mário Barradas no papel do Porteiro da Cana.

18/05/1959 | *Auto de El-Rei Seleuco*. EN Emissora Nacional: Teatro das Comédias. Adaptação radiofónica de Eduardo Jacques, direcção de actores de Álvaro Benamor, realização de Jorge Santos.

19/06/1961 | *Anfitriões*. Secretariado Nacional de Informação: dá entrada nos registos da Inspecção dos Espectáculos o pedido de autorização, pelo Grupo Cénico do Ateneu de Coimbra[13] (v. ANTT-SNI-DGSE-proc. 6452).

15/12/1961 | *Comédia de Filodemo.* Secretariado Nacional de Informação: dá entrada nos registos da Inspecção dos Espectáculos

13 Segundo consta, o grupo com esse nome funcionou nos anos 1943-1949; no entanto, no frontispício do documento dactilografado depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo mantém-se essa designação.

o pedido de autorização, pelo Círculo de Cultura Teatral/Teatro Experimental do Porto, para a representação da peça, aprovada e classificada para maiores de 12 anos, no dia 26 de Dezembro (v. ANTT-SNI-DGSE-proc. 6665). O espectáculo não chegou a ser concretizado.

05/06/1967 | *Auto dos Anfitriões*. EN Emissora Nacional: Teatro das Comédias, adaptação radiofónica de Leopoldo Araújo, direcção de actores de Álvaro Benamor.

21/05/1969 | *Auto de Filodemo*. EN Emissora Nacional: Teatro das Comédias, adaptação radiofónica de Leopoldo Araújo, direcção de actores de Álvaro Benamor.

01/01/1970 | *Auto de El-Rei Seleuco*. EN Emissora Nacional: Teatro de Todos os Tempos, adaptação crítica e comentários de Eurico Lisboa Filho, narração de Manuela Patrocínio, realização radiofónica de Castela Esteves.

22/04/1970 | *El-Rei Seleuco.* RTP Radiotelevisão Portuguesa: Teleteatro, Panorama do Teatro Português, adaptação de Luiz Francisco Rebello, realização de Herlander Peyroteo; episódio n.º 9 de uma série de 15, transmitidos entre 29/04/1969 e 18/12/1971.

02/06/1971 | *Auto dos Anfitriões.* EN Emissora Nacional: Teatro das Comédias, adaptação radiofónica de Leopoldo Araújo, direcção de actores de Álvaro Benamor; reposição.

20/04/1972 | *Auto chamado dos Anfitriões.* Teatro Nacional D. Maria II: Teatro da Trindade. Introito c/outros textos do autor, encenação de Pedro Lemos. Espectáculo criado em ocasião da Comemoração dos 400 anos de *Os Lusíadas*, a seguir apresentado em itinerância; reposição dia 01/02/1973.

07/06/1972 | *Auto d'El-Rei Seleuco*. EN Emissora Nacional: Teatro das Comédias, adaptação de Eduardo Jacques, direcção de actores de Álvaro Benamor, realização radiofónica de Horácio Gonzaga.

10/06/1972 | *Teatro de Luís de Camões*. EN Emissora Nacional: História do Teatro Português. Programa de Duarte Ivo Cruz, direcção de actores de José Gamboa, realização radiofónica de Carlos Fernandes. Inclui leitura de excertos do *Auto d'El-Rei Seleuco*.

08/07/1972 | *Filodemo* e *Auto dos Anfitriões.* EN Emissora Nacional: História do Teatro Português. Programa de Duarte Ivo Cruz, realização radiofónica de José Ribeiro, direcção de actores de Manuel Lereno. Inclui leitura de excertos dos dois autos.

06/09/1972 | *Camões 72: Auto de El-Rei Seleuco + Anfitriões*. Teatro Gil Vicente, Cascais: Teatro Experimental de Cascais, encenação de Carlos Avilez.

23/09/1972 | *Auto de El-Rei Seleuco*. Sociedade de Instrução Tavaredense, Figueira da Foz: Grupo Cénico da Sociedade de Instrução Tavaredense. Espectáculo seguido de uma «evocação» em duas partes do autor e do seu poema épico, criado em ocasião da Comemoração do IV Centenário da edição de *Os Lusíadas* (v. anexo 2).

1977 | *El-Rei Seleuco*. RTP Radiotelevisão Portuguesa: (1977 | *Auto de El-Rei Seleuco*, Ramos 1994: 10). Poderá tratar-se de reposição da produção de 1970.

24/05/1978 | *Auto de Filodemo.* RDP Radiodifusão Portuguesa, Antena 1: Tempo de Teatro, adaptação de Jorge Figueiredo de Barros, realização radiofónica de Carlos Teles Gomes, ensaio e direcção de actores Jacinto Ramos.

21/05/1980 | *Auto dos Anfitriões.* RDP Radiodifusão Portuguesa, Antena 1: Tempo de Teatro, adaptação de Filipe la Féria, realização radiofónica de Eduardo Street.

06/1980 | *Auto d'El-Rei Seleuco.* Teatro Garcia de Resende, Évora: Centro Cultural de Évora, encenação de Mário Barradas; peça já encenada por M. Barradas com o Teatro dos Estudantes Universitários de Moçambique, aquando da sua estadia no país na década de 60 (1962-1969).

27/06-12/07/1980 | *Homenagem a Camões.* 5.º Festival de Teatro de Setúbal/TAS: iniciativa que integra a projecção do filme *Camões*, de Leitão de Barros, e os espectáculos *Auto de El-Rei Seleuco* (Camões, Centro Cultural de Évora), *Quanto vale um poeta?* (vários autores, Seiva Trupe) e *Que farei com este livro* (Saramago, Companhia de Teatro de Almada).

24/11/1980 | *Auto dos Enfatriões.* RTP Radiotelevisão Portuguesa: Teleteatro. Encenação e realização de Herlander Peyroteo.

20/11/1980 | *Auto dos Anfitriões*. Orfeão de Leiria: Associação Regional de Teatro Amador de Leiria.

09/05/1981 | *Teatro Garcia de Resende. Parte 1.* RTP Radiotelevisão Portuguesa, RTP 1: História dos Teatros em Portugal. Inclui excertos de *Auto deEl-Rei Seleuco*, produção Centro Cultural de Évora, encenação de Mário Barradas, representado no Mosteiro de Jesus de Setúbal.

18/10/1983 | *O teatro português do século XVI.* RDP Radiodifusão Portuguesa Antena 1: Tempo de Teatro. 1. Excerto de *Estrangeiros*, de Sá de Miranda; 2. Excerto de *Auto dos Anfitriões*, de Luís Vaz de Camões; 3. Excerto de *Auto de Sibila Cassandra*, de Gil Vicente.

23/03/1985 | *Auto dos Enfatriões.* RTP Radiotelevisão Portuguesa, RTP 2: Noite de Teatro. Realização de Herlander Peyroteo.

04/07/1985 | *Comédia dos Anfitriões*. Teatro Nacional D. Maria II: TELA – Teatro Experimental de Leiria, encenação de José Valentim Lemos. Apresentada tb. no Festival de Almada (1985), no Auditório do TELA e no Citemor (1986).

10/10/1985 | *El-Rei Seleuco*. RTP Radiotelevisão Portuguesa: Poderá tratar-se de reposição da produção de 1970.

1988 | *Auto dos Enfatriões.* RTP Radiotelevisão Portuguesa. (1988 | *Auto dos Anfitriões*, v. Ramos 1994: 10) Poderá tratar-se de reposição da produção de 1980.

17/02/1991 | *Uma nuvem sobre a cama*: *comédia erótica em duas partes*. Convento de Santa Clara, Portalegre: O Semeador – Companhia de Teatro de Portalegre; peça original de autoria de Norberto Ávila, que retoma e reescreve as peripécias de *Anfitrião*. encenação de Victor Pires, cenografia de Mário Alberto.

(12/08/)1991 | *El-Rei Seleuco*. RTP Radiotelevisão Portuguesa: Teleteatro, adaptação de Luiz Francisco Rebello. Poderá tratar-se de reposição da produção de 1970.

22/02/1996 | *Camões – tanta guerra, tanto engano.* Convento dos Inglesinhos, Lisboa: Grupo de Teatro Maizum, dramaturgia e encenação de Silvina Pereira, com base em vv. excertos (*Filodemo*, *Enquanto quis fortuna*, *Em amores não há senão enganos* e outros); vídeo realizado por Paulo Rocha.

1999 | *Filodemo.* Escola Profissional do Teatro de Cascais, Monte Estoril: Exercício de representação pelos alunos da Turma B da Escola Profissional de Teatro de Cascais, direcção de António Marques.

18/03/2004 | *Filodemo*. Teatro do Bairro Alto, Lisboa: Teatro da Cornucópia, encenação de Luís Miguel Cintra.

01/03/2005 | *Anfitriões*. Teatro Viriato, Viseu: Companhia Paulo Ribeiro, encenação de Claudio Hochmann. Versão com actores e bailarinos no elenco.

15/06/2005 | *Chapitriões: Os Enfatriões de Camões*. Anfiteatro ao ar livre, Fundação Calouste Gulbenkian: Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo (Chapitô), direcção de Ana Tamen. Versão com técnicas circenses.

29/07/2007 | *Auto dos Anfitriões*. RDP Antena 2: Teatro do Imaginário, 5.ª peça do ciclo dedicado a Eduardo Street

28/09/2017 | *Auto de El-Rei Seleuco*. Arquivo Municipal de Cascais – Casa Sommer: Teatro Experimental de Cascais, encenação de Carlos Avilez.

07/10/2017 | *El Rei Seleuco*. Auditório Fernando Pessa, Lisboa: Juventude Unida de Mosteiró (Vila do Conde), adaptação e encenação de Nuno Meireles; espectáculo apresentado no âmbito da primeira edição do Oriente-se, Festival de Teatro Amador organizado pelo Teatro Contra-Senso.

20/10/2018 | *Auto do labirinto (ou Labirinto do amor).* Igreja Matriz de Loulé: Il Dolcimelo & Ensemble Portugaloise, texto a partir de dez autos de teatro clássico português, adaptação e direcção musical de Isabel Monteiro; espectáculo de teatro, com música antiga e danças renascentistas. Repertório do agrupamento.

15/06/2020 | *Enfatriões, El-Rei Seleuco, Auto de Filodemo.* Instituto para o Desenvolvimento Social, em linha: Escola Profissional do IDS, Turma 10 do Curso Profissional de Artes do Espectáculo-Interpretação, excertos das três peças; poderá ter sido projecto de fim de curso, preparado à distância e apresentado em linha devido à pandemia.

23/06/2021 | *Comédia de El Rei Seleuco.* Leitura encenada em linha: Teatro Maizum, em programa juntamente com o *Auto da Natural Invenção,* de António Ribeiro Chiado, e *Auto dos Sátiros, de autor anónimo; leitura* integrada no Festival de Teatro Clássico Português organizado pela companhia e decorrido de 21 a 25 de Junho.

10/06/2024 | *Auto dos Anfitriões*. RDP Radiodifusão Portuguesa, Antena 2: Teatro das Comédias. Produção da Emissora Nacional transmitida no dia 02/06/1971; adaptação de Leopoldo de Araújo, direcção de actores Álvaro Benamor, realização radiofónica de Horácio Gonzaga; reposição integrada nas comemorações dos 500 anos de Camões.

01/11/2024 | *Auto de El-Rei Seleuco.* Galeria Sá da Costa, Lisboa: Teatro Maizum, leitura encenada integrada na Festa dos clássicos na Sá da Costa.

03/11/2024 | *Trilogia dramática camoniana*. Galeria Sá da Costa, Lisboa: Teatro Maizum, leitura encenada de *Comédia de Filodemo*, *Auto chamado dos Enfatriões*, *Auto de El-Rei Seleuco*, integrada na Festa dos Clássicos na Sá da Costa.

19/11/2024 | *Auto d'El-Rei Seleuco*. RDP Radiodifusão Portuguesa, Antena 2: Teatro das Comédias. Produção da Emissora Nacional transmitida no dia 07/06/1972; adaptação de Eduardo Jacques, direcção de actores Álvaro Benamor, realização radiofónica de Horácio Gonzaga; reposição integrada nas comemorações dos 500 anos de Camões.

01/12/2024 | *Filodemo*. Convento de São Pedro de Alcântara, Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II, leitura encenada dirigida por Pedro Penim, em ocasião das Comemorações dos 500 anos de Camões, integrada na Temporada Música em São Roque, uma iniciativa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

31/12/2024 | *Auto de Filodemo*. RDP Radiodifusão Portuguesa, Antena 2: Teatro das Comédias, produção da Emissora Nacional transmitida no dia 21/05/1969; adaptação de Leopoldo Araújo, direcção de actores de Álvaro Benamor; reposição integrada nas comemorações dos 500 anos de Camões.

01/03/2025 | *Auto dos Anfitriões.* CineTeatro de Porto de Mós: Trupêgos Grupo de Teatro de Porto de Mós, encenação de António Almeida. Espectáculo apresentado na 19.ª Festival de Teatro Teatremos.

27/03/2025 | *Auto das Anfitriãs*. Sala Estúdio Valentim de Barros/ Jardins do Bombarda, Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II, versão actualizada, reescrita por Inês Vaz e Pedro Baptista. Espectáculo levado em digressão.

10/10/2025 | *Auto dos Anfitriões*. Teatro Municipal de Vila Real: Filandorra, encenação de Filipe Crawford, música original de Pedro Carlos. Espectáculo associado às Comemorações dos 500 Anos de Camões, pensado para a itinerância e a apresentar em 25 câmaras municipais do interior.

27/03/2026 | *Filodemo.* Sala Estúdio Valentim de Barros/Jardins do Bombarda, Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II, encenação de Pedro Penim, espectáculo para digressão.

10/06/2026 | *Enfatriões*. Auditório Camões, Lisboa: Teatro Maizum, direcção artística, dramaturgia e encenação de Silvina Pereira, cenografia de José Manuel Castanheira; espectáculo em cena no Auditório Camões nos dias 10 a 13 e no Auditório Santa Joana Princesa de 19 a 21 (dia 3 algumas cenas encerraram a IX Reunião Internacional de Camonistas decorrida na Biblioteca Nacional).

11/07/2026 | *El Rey Seleuco: Um divertimento de Camões*. Aguncheiras | Teatro, Azoia - Cabo Espichel: Cooperativa Cultural Espaço das Aguncheiras, dramaturgia e encenação de São José Lapa, reescrita do prólogo por João Paiva, cenografia de Inês Lapa Lopes; em cena até dia 26.

2. Produções/peças inspiradas n' Os Lusiadas/no autor

12/12/1906 | *Os Luziadas*. Teatro do Ginásio, Lisboa: texto de Júlio de Menezes[14].

01/12/1935 | *Portugal Independente*. Coliseu dos Recreios, Lisboa: texto de Henrique Galvão, inclui excertos de Camões e Garrett.

19/03/1939 | *Noite portuguesa*. Coros líricos + excertos de textos vários. Teatro Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Coimbra: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, direcção artística Paulo Quintela e Armando de Lacerda; inclui excertos de textos vicentino, Afonso Lopes Vieira, Camões (episódio do Adamastor d'*Os Lusíadas*) e Eugénio de Castro (na presença deste último).

21/03/1947 | *Camões*. Secretariado Nacional de Informação: Companhia Nacional de Teatro, texto de Valério de Rajanto, direcção de Joaquim Miranda; dá entrada nos registos da Inspecção dos Espectáculos o pedido de autorização para a representação da peça, tendo sido aprovada a 11.03.1947 (v. ANTT-SNI-DGSE-proc. 3485, inclui relatório do censor).[15]

16/12/1955 | «*Esta é a ditosa Pátria minha amada*». Secretariado Nacional de Informação: «Fantasia camoniana em 1 acto» (e 3 quadros), de Adriana(o)[16] Rodrigues; dá entrada nos registos da Inspecção dos Espectáculos o pedido do Colégio do Sagrado Coração de Maria de Lisboa para a sua representação; foi

---

14 Data e local de estreia surgem indicados no livro; v. <https://catalog.hathitrust.org/Record/008987038>. No entanto, a CETbase indica dia 13 de Junho de 1906.

15 Esta «peça patriótica» em 3 actos e 7 quadros tem como tema a vida do poeta e foi finalizada em Dezembro de 1946, conforme anotado no dactilografado. Astreia terá ocorrido em finais de Março em Castelo Branco, conforme previsto pela digressão daquela entidade pelo Norte do país (v. *Diário de Lisboa* 03/1947).

16 O frontispício do documento indica que esta «fantasia camoniana em 3 quadros» foi «escrita para a Festa do Carnaval» por Adriana Rodrigues; no entanto na última página surgem o nome e a data como segue: «Adriano Rodrigues, 31-Outubro-1955».

aprovada sem cortes «para crianças (diurno)» e «sem classificação especial (nocturno)», no dia 26 de Dezembro (v. ANTT-SNI-DGSE-proc. 5130).

10/06/1960 | *Evocação a Camões*. RTP Radiotelevisão Portuguesa, RTP 1: declamação do Canto I dos *Lusíadas* e de vários poemas, com excertos do filme *Camões* de Leitão de Barros; realização de António Lopes Ribeiro.

31/08/1972 | *Os grandes episódios de «Os Lusíadas»*. EN Emissora Nacional: série em 10 episódios, um por cada canto, direcção de Adolfo Simões Muller.

23/09/1972 | *Camões e Os Lusíadas* – Evocação em duas partes: I parte. *«O Trinca-Fortes» (1551)*. II parte: *«Os Lusíadas» (17 anos depois)*. Sociedade de Instrução Tavaredense, Figueira da Foz: Grupo Cénico da Sociedade de Instrução Tavaredense, espectáculo criado no âmbito da Comemoração do IV Centenário da edição de *Os Lusíadas*, antecedido pela representação do *Auto de El-Rei Seleuco* (v. anexo 1).

197(?) | *A rixa do «Trinca-Fortes» em dia de Corpus Christi*. Tenda da Avenida da Liberdade, Lisboa: «Entremez inspirado numa petição de Camões a D. João III» de Manuela de Azevedo. (v. https://www.dramaonline.pt/)

10/06/1975 | *O Canto da Ocidental Praia.* Teatro Nacional de São Carlos: música e libreto de António Victorino de Almeida, Orquestra Filarmónica de Lisboa e Coro do Teatro de São Carlos, direção do maestro Joaquim da Silva Pereira; direcção do coro dos maestros Mario Pellegrini e Pierre Salzman. Encomenda da Emissora Nacional, transmissão em directo no Programa 2 do I e II acto.

05/11/1975 | *O Canto da Ocidental Praia.* Emissora Nacional, Programa 2: Teatro Nacional de São Carlos, música e libreto de António Victorino de Almeida, Orquestra Filarmónica de Lisboa e Coro do Teatro de São Carlos, direção do maestro Joaquim da Silva Pereira; direcção do coro dos maestros Mario Pellegrini e Pierre Salzman. Encomenda da Emissora Nacional, transmissão do III acto.

29/04/1980 | *Camões tão perto tão longe.* Academia Almadense: Grupo de Teatro de Almada, texto de Maria Rosa Colaço, encenação de Joaquim Benite e José Martins.

17/10/1980 | *Que farei com este livro?* Academia Almadense: Grupo de Teatro de Almada, texto de José Saramago, encenação de Joaquim Benite; reposição, com nova equipa artística e técnica estreada em 27/11/2007 no Teatro Municipal de Almada, apresentação também no ano seguinte e levada em digressão.

16/10/1981 | *Onde Vaz, Luiz?* Teatro do Picadeiro, Monte Estoril: Teatro Experimental de Cascais, texto de Jaime Gralheiro, dramaturgia de Joaquim Chança, encenação de Carlos Avilez. O espectáculo inclui excertos de *Anfitrião* e d' *Os Lusíadas*.

03/12/1981 | *O homem que se julgava Camões*. Teatro Vasco Santana, Lisboa: Teatro Estúdio de Lisboa, texto e encenação de Luzia Maria Martins.

13/02/1982 | *A Viagem: Camões poeta prático*. A Comuna, Lisboa: Comuna Teatro de Pesquisa, texto de Hélder Costa, encenação de João Mota.

06/06/1987 | *As aventuras de Trinca-Fortes em dia de Corpus-Christi*. Teatro Camões, Lisboa: Lanterna Mágica, texto de Manuela de Azevedo, direcção de Luís Filipe Ferreira Baptista, encenação de António Gualdyno; espectáculo de marionetas; apresentado em Toronto entre 04-13/06/1988, nas comemorações do Dia de Portugal, para as comunidades portuguesas, com o título *Aventura de Camões em dia de Corpus-Christi*[17].

29/06/1988 | *Os Lusíadas*. Claustro do Convento de Jesus, Setúbal: Máscara Teatro de Grupo, versão de Rui Pisco e Pedro Wilson, sonoplastia de Francisco Leal.

27/10/1988 | *Erros meus, má fortuna, amor ardente.* Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian:

---

17 Apesar de a CETbase apresentar data e local de estreia aqui reportados, não conseguimos confirmar a sua veracidade através da imprensa ou da entidade produtora, que no seu *cv* em linha indica apenas a digressão canadense.

Produção Acarte, texto de Natália Correia, encenação de Carlos Avilez e música de Carlos Zíngaro, equipa composta por 44 elementos.

10-12/06/1989 | *Erros meus, má fortuna, amor ardente.* RTP Radiotelevisão Portuguesa: Teleteatro. Texto de Natália Correia, adaptação da autora juntamente com Carlos Avilez, direcção e realização de Jaime Campos, três episódios. (disponível na íntegra no canal Youtube)

1991 | *Fragmentos com corpos dentro.* Vila Nova de Santo André: GATO SA, colagem de textos de vários autores, incluindo Jaime Salazar Sampaio (*O desconcerto*) e Luís de Camões (*Os Lusíadas*(?)), encenação de Mário Primo. (Um espectáculo com título homónimo foi apresentado em Angra do Heroísmo em 2017, tendo como tema a violência contra as mulheres.)

10/06/1993 | *Onde Vaz, Luiz?* Teatro do Picadeiro, Monte Estoril: Cénico – Grupo de Teatro Popular de São Pedro do Sul, texto e encenação de Jaime Gralheiro; inclui excertos de *Anfitrião* + *Os Lusíadas*.

24/11/1994 | *Alma Atlântica.* Ateneu Comercial do Porto: Pé de Vento, dramaturgia e encenação de João Luiz, textos de vários autores.

30/09/1995-14/10/1995 | *Aquela cativa que me tem cativo*. RTP Radiotelevisão Portuguesa, RTP 1: série em quatro episódios em duas partes cada, realização de Carlos Barradas.

28/02/1998 | *Adamastor.* Teatro da Vilarinha, Porto: Pé de Vento, espectáculo a partir de *Aquilo que os olhos vêem ou O Adamastor*, de Manuel António Pina, dramaturgia de Maria João Reynaud, encenação de João Luiz.

27/08/1998 | *Deuses geniais – Histórias de A mar.* Parque Expo, Palco móvel, Lisboa: co-produção Teatro da Garagem e Expo 98, espectáculo criado a partir de vários autores, coordenação de Carlos J. Pessoa, encenação de Jorge Andrade, José Espada, Inês Vicente e Maria João Vicente.

13/11/2001 | *Tríptico TEC.* Teatro Mirita Casimiro, Monte Estoril: Teatro Experimental de Cascais, dramaturgia e encenação de Carlos J. Pessoa, a partir *d'Os Lusíadas*, *Assassínio na Catedral* de

T. S. Eliot na versão de José Blanc de Portugal e *A portageira da brisa* de C. J. Pessoa.

23/01/2002 | *A viagem.* Centro Cultural de Belém: espectáculo musical produzido por Ruth Escobar a partir de *Os Lusíadas*, com adaptação de Carlos Queiroz Telles e encenação de Celso Nunes. (A estreia absoluta aconteceu em São Paulo a 07/09/1972, em ocasião dos 150 anos da independência do Brasil, na presença de Marcelo Caetano.)

05/02/2004 | *O velho do Restelo.* Teatro Sá da Bandeira, Porto: Pequeno Teatro.

13/11/2004 | *Os Lusíadas rumo ao Oriente*. Teatro Nacional D. Maria II: dramaturgia de Maria João Cruz, encenação de António Pires.

14/11/2005 | *Em busca dos Lusíadas.* Teatro da Trindade, Lisboa: Teatro dos Aloés, encenação de Elsa Valentim.

26/03/2006 | *Que farei com este livro?* Teatro Maria Noémia, Torres Novas: Teatro Meia Via, texto de José Saramago, encenação de Bibi Perestrelo.

10/10/2007 | *Adamastor, o derradeiro combate.* Casa das Artes, Vila Nova de Famalicão: Associação Teatro Construção, encenação de Miguel Fonseca.

10/06/2008 | *Os Lusíadas*. Teatro Circo de Braga: Companhia de Teatro de Braga, dramaturgia de Regina Guimarães, encenação de Aleksej Scipenko.

07/05/2011 | *Lusi@das.* Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra: Companhia de Teatro de Marionetas – Os valdevinos.

(18)/07/2009 | *Canto nono.* Teatro de rua: ACTA A Companhia de Teatro do Algarve, criação colectiva, direcção de Luís Vicente. Quarteira (18/07, Calçadão) e Loulé (15/08, Av. 25 de Abril e Monumento Eng.º Duarte Pacheco). Espectáculo mantido no repertório.

03/07/2011 | *Canto nono.* Loulé: ACTA A Companhia de Teatro do Algarve, criação colectiva, direcção de Luís Vicente.

30/01/2012 | *Navegar – Camões, Pessoa e o V Império*. Mosteiro dos Jerónimos: Éter Produção Cultural, texto de Miguel Real

e Filomena Oliveira, encenação de F. Oliveira[18]; em reposição até 2018.

16/03/2013 | *Os Lusiadas.* Centro Cultural de Belém: SUL – Associação Artística e Cultural, encenação de António Fonseca.

02/03/2015 | *Os Lusíadas.* Mosteiro dos Jerónimos: Éter Produção Cultural, dramaturgia e adaptação de Miguel Real e Filomena Oliveira, encenação de F. Oliveira; espectáculo para escolas, apresentado também em espaços do concelho de Sintra; em reposição até 2020.

08/05/2015 | *Lusíadas preto no branco.* Centro Cultural de Ílhavo: Grupo de Teatro MarAlegre, adaptação e encenação de Anabela Mateus e Paula Gomes.

10/06/2015 | *Os Lusíadas – Viagem infinita*. Quinta da Regaleira, Sintra: Musgo Produção Cultural, encenação e dramaturgia de Paulo Campo dos Reis e Ricardo Soares. Espectáculo mantido no repertório e levado em digressão posteriormente.

18/04/2015 | *CamoinZ*. Hotel Tivoli, Lisboa: Nós Mesmos Invenções Teatrais, texto de Gustavo Rubim, interpretação de Simão Rubim e João Marta; espectáculo para professores.

18/04/2015 | *CamoinZ Hépyco*. Escola Secundária de Loulé: Nós Mesmos Invenções Teatrais, texto de Gustavo Rubim, interpretação de Simão Rubim e João Marta; espectáculo para alunos do ensino secundário (30m.).

29/02/2016 | *Camoinz Hépyco-Lyrico.* Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço, Linda-a-Velha: Nós Mesmos Invenções Teatrais, texto de Gustavo Rubim, interpretação de Simão Rubim e João Marta, espectáculo para alunos do ensino secundário (60m.), em digressão até à data.

07/11/2015 | *Camões e Pessoa em Sintra*. MU.SA Museu de Artes de Sintra: Éter Produção Cultural, texto de Miguel Real

---

18 <https://pt.slideshare.net/slideshow/relatrio-da-visita-de-estudo-joana-c/13348220>. Posteriormente, a peça foi representada no Teatro de Alcobaça, Festival Books and Moovies (2016) e no Palácio Nacional de Sintra (2018).

e Filomena Oliveira, encenação de F. Oliveira; «Performance Literária» integrada no âmbito das Noites nos Museus; dia 14 é apresentada no Museu de História Natural de Sintra.

30/09/2016 | *Força Humana*. Black Box da Plataforma das Artes e da Criatividade, Guimarães: Dramaturgia, direcção e interpretação António Fonseca e José Neves. No Teatro Nacional D. Maria II em 29/01/2017.

04/06/2018 | *Lusíadas?* Teatro-Cine de Pombal, Leiria: Teatro Amador de Pombal, adaptação livre, encenação de Luís Catarro; espectáculo apresentado posteriormente no âmbito da 2.ª edição do Oriente-se, Festival de Teatro Amador organizado pelo Teatro Contra-Senso, mantido no repertório e levado em digressão pelo país, inclusive ao longo das Comemorações dos 500 Anos de Camões.

17/10/2020 | *Na língua de Camões.* Associação Cultural e Recreativa de Valdágua, Ovar: Teatro à Solta, dramaturgia a partir d'*Os Lusíadas* de Suzanna Rodrigues, encenação de Cristóvão Carvalheiro,

25/11/2020 | *Os Lusíadas.* Teatro Meridional, Lisboa: concepção e interpretação de António Fonseca.

12/03/2022 | *Partilhar os Lusíadas.* Fábrica Braço de Prata, Lisboa: Espectáculo com actores profissionais e alunos de Escolas Secundárias, direcção de Cecília Sousa.

27/03/2022 | *Os Lusíadas como nunca os ouviu.* Teatro Nacional D. Maria II: direcção de António Fonseca, interpretação de A. Fonseca e J. Neves, (14 h., seguiu em digressão, foi editado um audiolivro com 7 cd pela Caleidoscópio, reposto em 2025.

16/11/2022 | Que farei com este livro? Viseu Museu Nacional de Grão Vasco: AFTA Grupo Off; texto a partir de José Saramago, espectáculo comemorativo do Centenário do Nascimento do Prémio Nobel português, integra música e dança.

28/03/2024 | *Os Lusíadas com uma perna às costas.* Casa do Botão, Marinha Grande: Teatro do Botão, dramaturgia Susana Rodrigues, encenação de Cristóvão Carvalheiro.

09/06/2024 | *O olho perdido de Camões*. Casa da Cidadania da Língua, Coimbra: dramaturgia e criação de Nelson Monforte a partir de *Os Lusíadas* e demais textos de outros autores.

10/06/2024 | *O último canto: Camões e o destino.* Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra: Musicamera Produções, ópera com música e libreto de Cesar Viana a partir do poema dramático *Camões* (1839), do dramaturgo russo Vassili Jukovski (reescrita da peça *Camoens*, 1837, do dramaturgo austríaco Friedrich Halm); tradução do russo de Larysa Shotropa e João Maria Lourenço; encenação de Miguel Moreira.

06/09/2024 | *Amor é um fogo que arde sem se ver.* Avanteatro. Festival do Avante: A Barraca, espectáculo de Hélder Mateus da Costa e Maria do Céu Guerra, música original de António Victorino de Almeida.

07/11/2024 | *Os Lusíadas*. RTP Radiotelevisão portuguesa RTP 2: vai para o ar o primeiro de uma série em 10 episódios, transmitidos semanalmente até 09/01/2025, integrada nas comemorações dos 500 anos de Camões; 10 actrizes interpretam os dez cantos d' *Os Lusíadas* em locais distintos, no intuito de os cruzar com lugares da sociedade actual.

19/11/2024 | *A viagem de Camões*. E B. e Secundária Padre Manuel Maria Fernandes, Sousela: Era Uma Voz, de e por Pedro Beirão e Clara Fonseca Borges. Espectáculo para escolas, em digressão.

29/01/2025 | *Camões – As armas e os barões assinalados*. Cine-Teatro Santo António, Funchal: ATEF Associação Teatro Experimental do Funchal, texto de José Saramago, dramaturgia e encenação de António Plácido.

03/05/2025 | *Visitações: Camões*. Teatro Carlos Alberto, Porto: Centro Educativo do Teatro Nacional São João, espectáculo associado às Comemorações Camonianas; envolve mais de 150 alunos de escolas da área metropolitana de Lisboa e Vila Real.

04/06/2025 | *Que farei com este livro? – Em processo*. Fundação José Saramago, Lisboa: Leitura encenada a partir da peça de José Saramago, dramaturgia de Teresa Frota, encenação de T. Frota e Manuela Moog.

10/06/2025 | *Babel.* Teatro Carlos Alberto, Porto: Teatro Nacional São João, a partir de *Os Lusíadas*, dramaturgia e encenação de Nuno Cardoso.

27/09/2025 | *Auto dos zarolhos.* Museu Romântico, Porto: Teatro e Marionetas de Mandrágora, «ópera bufa de marionetas com um só olho sobre a vida e obra de Luís Vaz de Camões», música de António Victorino de Almeida, direcção artística de Nuno Miguel de Almeida, libreto e encenação de Mário João Alves.

22/05/2026 | *Amar Camões*. Constância, Cine-Teatro Municipal: espectáculo produzido por Flávio Tomé; traz à memória o desterro do poeta em Punhete, actual vila de Constância.

06/06/2026 | *Relicário perpétuo*. Teatro Nacional de São Carlos: Ópera lírica com libreto de Luísa Costa Gomes e música de Luís Tinoco.

19/09/2026 | *Performance com sabor: Moçambique Portugal*. Aguncheiras | Teatro, Azoia - Cabo Espichel: Cooperativa Cultural Espaço das Aguncheiras, texto de João Paiva, dramaturgia e direcção de São José Lapa e Inês Lapa Lopes; propõe uma «viagem pelas memórias de Camões (...) por terras de África».

3. Produções/peças inspiradas na lírica camoniana

10/06/1960 | *Evocação a Camões*. RTP Radiotelevisão Portuguesa RTP 1: declamação do Canto I dos *Lusíadas* e de vários poemas, inclui excertos do filme *Camões* de Leitão de Barros; real. António Lopes Ribeiro.

26/06/1980 | *Quanto vale um poeta?* Teatro do Campo Alegre, Porto: Seiva Trupe, textos de vários autores, coordenação e encenação de Norberto Barroca.

15/10/1980 | *O desconcerto*. Sociedade Portuguesa de Autores, Sala Polivalente: Início Grupo de Teatro Independente, texto de Jaime Salazar Sampaio, encenação de Rogério de Carvalho.

22/02/1996 | *Camões – tanta guerra, tanto engano.* Convento dos Inglesinhos, Lisboa: Grupo de Teatro Maizum, encenação de e dramaturgia de Silvina Pereira, com base em vários excertos

(*Filodemo*, «Enquanto quis fortuna», «Em amores não há senão enganos» e outros); vídeo realizado por Paulo Rocha.

05/12/1997 | *Spanksgiving day.* Agência 117, Lisboa: Teatro Praga, o espectáculo integra excertos dos seguintes textos: *Salome* de Oscar Wilde, *Quartett* de Heiner Müller, *O amor é fodido* de Miguel Esteves Cardoso e *Amor é fogo que arde sem se ver* de Luís de Camões (este último talvez na íntegra); além daqueles, o espectáculo integra ainda excertos de textos não nomeados de vários autores.

29/05/1998 | *Desejos.* Parque Expo, módulo flutuante, Lisboa: teatro de rua baseado em *Endechas a Bárbara cativa*, encenação de Maria Emília Correia.

08/12/2000 | *Só puro amor: Seis poetas e uma poetisa.* Ponte de Sor: Grupo de Teatro Maizum. Dramaturgia Silvina Pereira.

23/07/2001 | *À volta da língua*. Teatro-Estúdio Bonifrates, Coimbra: Companhia Andante, espectáculo baseado em excertos de vários autores incluindo Camões (Canto I dos *Lusíadas* e «Descalça vai para a fonte»), encenação de Carlos do Rosário.

11/10/2005 | *Camões, príncipe dos poetas.* Teatro Armando Cortez, Casa do Artista, Lisboa: Teatro Infantil de Lisboa, texto de Carlos Manuel Rodrigues, encenação de Victor Linhares. Repertório, reposições em 11/02/2006 (?), 2014, 2020.

22/04//2005 | *Camões é um poeta rap.* Feira do Livro de Beja: Arte Pública, espectáculo com encenação e interpretação de Gisela Cañamero.

28/02/2009 | *Deus Pátria Revolução.* Centro Cultural de Belém: dramaturgia de Luísa Costa Gomes, espectáculo musical c/canções de vários autores incluída «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades» (música de Jean Sommer, poema adaptado por José Mário Branco em 1971).

14/03/2010 | *Oitocentos anos de poesia.* Academia Kabuki, Kabuki Estúdio, Lisboa: concepção, encenação e interpretação de Ricardo Bargão, a partir de textos de vários autores (possivelmente na base do volume antológico *Oitocentos anos de poesia*, de Orlando Neves e Serafim Ferreira, Círculo dos Leitores, 1973).

10/02/2011 | *Portugal dos poetas.* Cerca de São Bernardo, Coimbra: Teatro Meridional, recital com dramaturgia e interpret. Natália Luiza, sobre textos poéticos de vários autores.

26/07/2013 | *Sim, senhor poeta?!... Eu digo!* Teatro Nacional D. Maria II: concepção e interpretação de João Loyo, a partir de vários autores.

05/03/2015 | *Portugal dos poetas.* Espaço da Mitra, Lisboa: Teatro Meridional, espectáculo com pesquisa, dramaturgia e interpretação de Natália Luiza.

18/02/2016 | *CamoinZ Lyrico*. Escola Secundária Sebastião da Gama, Setúbal: Nós Mesmos Invenções Teatrais, texto de Gustavo Rubim, interpretação de Simão Rubim e João Marta, espectáculo para alunos do ensino secundário (30 m).

29/02/2016 | *Camoinz Hépyco-Lyrico.* Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço, Linda-a-Velha: Nós Mesmos Invenções Teatrais, texto de Gustavo Rubim, interpretação de Simão Rubim e João Marta, espectáculo para alunos do ensino secundário (60m.), em digressão até à data.

10/06/2019 | *Camões, a serra e a fonte!* Cine-Teatro Bento Martins, Chaves: Teatro Experimental Flaviense, texto sobre poemas de Camões e encenação de Rui Pinto.

17/10/2021 | *A cor do limão.* Auditório da Casa da Música, Óbidos: Andante Associação Artística, Projecto «Andante – ao andar se faz o caminho», espectáculo para bebés dos 6 meses a crianças de 6 anos + pais a partir de poema de Camões, encenação de Cristina Paiva e Fernando Ladeira, música de Joaquim Coelho; peça mantida no repertório.

03/05/2025 | *Visitações: Camões*. Teatro Carlos Alberto, Porto: Centro Educativo do Teatro Nacional São João, espectáculo associado às Comemorações Camonianas; envolve mais de 150 alunos de escolas da área metropolitana de Lisboa e Vila Real.

09/01/2026 | *Deitemos água pouca em muito fogo.* Teatro Cinearte, Lisboa: A Barraca, recital de poesia e música, direcção artística, criação e dramaturgia de Maria do Céu Guerra, composição musical e interpretação do maestro António Vitorino d'Almeida; espectáculo para digressão.

04/2026 | *Camões em rima*. Adega Visconde Salreu, Colares: Éter Produção Cultural, texto de Miguel Real e Filomena Oliveira, encenação de F. Oliveira, música de David Martins.

4. Produções/peças inspiradas em textos não identificados

19/05/1981 | *Dou-Che-Lo Vivo, Dou-Che-Lo Morto, comédia em 4 partes e um entremês.* Teatro do Bairro Alto, Lisboa: Teatro da Cornucópia, dramaturgia sobre textos de vários autores, dramaturgia e assistente de encenação de Eduarda Dionísio, encenação de Antonino Solmer.

01/03/1985 | *O eclipse do sol.* IFICT Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral FICT, Lisboa: Alunos Finalistas do Curso de Iniciação Teatral do IFICT.

01/02/1988 | *Auto da Índia e d'outras andanças – 2.º espectáculo.* Mosteiro dos Jerónimos: Persona, encenação de Guilherme Filipe.

19/09-13/12/1991 | *Por mares nunca dantes navegados.* RTP Teleteatro: série em 26 episódios sobre os Descobrimentos concebida por Carlos Avilez, baseada em textos de Fernando Dacosta, Orlando Neves, Teresa Paixão, Carlos de Oliveira, Jaime Gralheiro, Luís de Camões, Manuel Alegre, Miguel Torga, Millôr Fernandes e Padre António Vieira, realização de Zita.

21/03/1992 | *Auto da Índia e outros desdizeres.* Paredes de Coura: O Canastro – Oficina de Teatro e Animação Cultural do Centro Cultural e Desportivo da Câmara Municipal de Paredes de Coura[19], encenação de Lucilo Valdez.

02/05/1992 | *Três actores, um texto e uma conversa.* Teatro Nacional D. Maria II: encenação de Varela Silva.

---

19 Cf. CETbase; a entidade terá actuado de maneira informal, pois a constituição oficial data de 1997.

03/03/1995 | *Dou-che-lo-só.* Cacilhas, Armazém Lemauto: Colectivo de Teatro O Grupo, A. Solmer e E. Dionísio, encenação de Antonino Solmer.

19/10/2000 | *Na volta do mar.* Teatro Garcia de Resende: Cendrev – Centro Dramático de Évora, encenação de Gil Salgueiro Nave.

19/06/2003 | *Atmosfera 9: Atmosfera fumo.* Teatro Nacional São João: Ensemble – Sociedade de Actores, a partir de textos de vários autores; série de espectáculos experimentais inaugurada em 1998 e ainda activa em 2024.

03/11/2005 | *Teatro-fantasma.* Zé dos Bois: espectáculo de Carla Bolito e Cláudio Silva, a partir de textos de Camões, Nathalie Sarraute e Paul Auster.

31/07/2009 | *Cartas de amor.* Magnólia Café, Lisboa: espectáculo de Ricardo Bargão sobre textos de vários autores.

08/10/2013 | *Rhythmas.* Teatro Nacional D. Maria II: selecção de textos e direcção de Miguel Loureiro, leitura encenada (?).

04/12/2013 | *Actor imperfeito.* Teatro do Bairro, Lisboa: dramaturgia de Luísa Costa Gomes, a partir de *Romeu e Julieta*, *Otelo* e textos não identificados de Shakespeare, mais textos não identificados de Camões, encenação de António Pires.

05/06/2014 | *Celebração.* Biblioteca da Imprensa Nacional-Casa da Moeda: textos não identificados de vários autores, encenação de Leonor Alcácer.

21/07/2016 | *Pirata Camões.* Armazém 22, Vila Nova de Gaia: II Festival Pontingaloise, texto e interpretação Nuno Meireles, espectáculo infanto-juvenil.

05/05/2022 | *Somos todos Camões.* Teatro Ibérico, Lisboa: Texto de João Garcia Miguel, direcção de Rita Costa.

23/03/2024 | *Um não sei que, que nasce não sei aonde ou Os amores de Camões*. Póvoa do Varzim, Cine-Teatro Garrett: Companhia Certa da Varazim-Teatro; a partir de textos não identificado de Camões, dramaturgia de Joana Soares, encenação de Ana B.

18/10/2024 | *Cabo das Tormentas*. Teatro Lethes, Faro: JAT – Janela Aberta Teatro, proposta artística interdisciplinar, com textos de Luís de Camões, Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Jeanette Winterson e José Saramago, dramaturgia de Diana

Bernedo e Miguel Martins Pessoa; espectáculo para digressão, até à data.

18/02/2025 | *Luís de Camões. Uma voz escrita!* Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça, Moita: Associação Coisa Feita, dramaturgia de António Camões Gouveia; espectáculo para digressão, tb. em 2026.

28/03/2025 | *Camões*. Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal: Agon Produção, opereta contemporânea, texto e encenação de Filipe Gouveia, música de Debbie Monteiro e Gonçalo Rosales.

13/09/2025 | *Descobridores do amor*. Sala Mário Viegas, São Luiz Teatro Municipal, Lisboa: texto e encenação de João Garcia Miguel.

24/03/2026 | *Acontece Camões*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: dramaturgia e encenação de Paulo Filipe Monteiro, iniciativa com a participação, no dia da estreia, de Beatriz Batarda, Cláudia Madeira, Adriana Lopes, Rui Vieira Nery e Cristina Benedita, entre outros; 15 sessões.

5. Novas peças originais

1906 | Júlio de Menezes. *Os Luziadas: comédia em 1 acto*. Lisboa: Livraria Editora de Arnaldo Bordalo.

1919 | Artur Botelho. *Camões: drama heroico em 4 actos, em verso*. Porto: Livraria Chardron de Lelo & Irmão.

1946 | Valério de Rajanto. *Camões*. Peça inédita (estreada em 1947 pela Companhia Nacional de Teatro).

1959 | Eduardo José Damas. *Camões: peça histórica*. Lisboa: Edições Panorama.

197(?) | Manuela de Azevedo. *A rixa do «Trinca-Fortes» em dia de Corpus Christi*. «Entremez inspirado numa petição de Camões a D. João III», inédito (exemplar dactilografado depositado no MNTD, v. https://www.dramaonline.pt/)

1980 | Maria Rosa Colaço. *Camões tão perto tão longe*. Peça inédita (estreada pela Companhia de Teatro de Almada).

1980 | Jaime Salazar Sampaio. *O desconcerto.* Lisboa: Moraes Editores, Pistas Palco. Com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

1980 | Augusto Abelaira. *Anfitrião outra vez.* Lisboa: Moraes Editores, Pistas Palco. Com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

1980 | José Saramago. *Que farei com este livro?* Posfácio Luiz Francisco Rebello. Lisboa: Editorial Caminho.

1980 | Natália Correia. *Erros meus, má fortuna, amor ardente*. Ilustrações de Ângelo de Sousa *et al*. Lisboa: Afrodite, 1981.

(1980 | Casimiro de Abreu (1839-1856). *Camões e o Jau: cena dramática*. Apresentação de Aldio Leite Corrêa; estudo prévio de Maximiliano de Carvalho e Silva. Reprodução fac similada da 1.ª ed.[20]).

1980 | Laureano Carreira. *Os Lusíadas*. Lisboa & Dammarie-les-Lys: Catedral-Produções Culturais & Éditions ACAP 77. 1995.

1981 | Jaime Gralheiro. *Onde Vaz, Luiz?* Cascais: Teatro Experimental de Cascais, 1983.

1981 | Luzia Maria Martins. *O homem que se julgava Camões*. Inédito (exemplar de trabalho, dactilografado, encontra-se depositado no MNTD, v. https://www.dramaonline.pt/).

1982 | Hélder Costa. *A viagem: Camões, poeta prático.* Coimbra: Centelha.

1991 | Norberto Ávila. *Uma nuvem sobre a cama*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

1998 | Manuel António Pina. *Aquilo que os olhos vêem ou O Adamastor*. Porto: Campo das Letras.

2009 | João Coelho dos Santos. *Camões conta a sua vida a Pessoa e Bocage*. S/l (Lisboa): s/n (Publidisa). Colecção Teatro.

---

20 A 1.ª edição é de 1856 (*Camões e o Jáo: scena dramática*. Lisboa: Typographia do Panorama) e a estreia absoluta deu-se no Theatro de D. Fernando, em Lisboa, a 18/01/1856. Terá sido, quiçá, com base nesta reedição que António Manuel Couto Viana, colaborador do Instituto Cultural de Macau, aqui resolveu encenar a peça, estreada no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a 10/06/1986.

2014 | Pedro Eiras. «*Pedro e Inês.* Comédias sobre o amor e a morte a partir dos estereótipos». (Peça em 13 «emendas». «Emenda 4: Camões»). In *Teatro II.* Vila Nova de Famalicão: Húmus. 129-196 (153-157).
2025 | Inês Vaz e Pedro Baptista. *Auto das Anfitriãs*. Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II & Bicho do Mato.